

A Festa da Criação da Obra Literária

Judith Grossmann

RESUMO

Este trabalho visa a se constituir como um esboço das relações entre a obra literária e a questão do narcisismo.

A questão fundamental a ser enfrentada quando nos deparamos com o caráter narcisista do texto literário é de como se opera a mágica alquimia entre aquilo que nele exista de mais monárquico e a sua extrema desindividuação, a doação total de um sujeito que, no início, queria preservar-se nesta espécie de lápide que é a obra literária.

A obra literária detona, naturalmente, o tema do narcisismo. Na sua origem ela é um prolongamento de um determinado sujeito, o autor da obra, a extensão tanto do seu corpo quanto do seu ego, uma promessa concreta de imortalidade deste ego, que para sempre permanecerá flutuante na obra, sem que jamais dela venha a se

alienar. Se existe um trabalho, uma obra da qual o seu produtor, o seu autor, não seja alienável, esta é a obra literária, que, intrinsecamente, passa a incorporar aquele que a produz. Por outro lado, a obra literária é uma forma de doação do corpo e do ego do autor ao coletivo, o que faz parte do próprio princípio de construção do texto literário. A obra vai entrar na história, universalizar-se, intemporalizar-se, representará a repartição interminável de um determinado ego pelo coletivo.

Como podemos ver, usura e doação presidem o nascimento da obra literária. Um determinado ego se duplica no texto, o que faz com que o tema do duplo, do gêmeo, do espelho sejam temas tão caros à poesia e ao literário. Eis aqui o parente mais próximo do autor, o texto, que ultrapassa e desinterdita qualquer sistema de parentesco, aparece-lhe como filho, como irmão, logo inverterá as posições, tornar-se-á em pai, mãe do autor, afirmando, simultaneamente, o caráter edipiano e anti-edipiano da obra literária.

É necessário compreender, pois, sempre no sentido de encaminhar a questão inicialmente proposta, que o texto detém, como o seu próprio princípio de construção, o grau máximo de viscosidade em relação ao seu autor, e, simultaneamente, grau nulo de viscosidade em relação a ele, é tanto seu filho, irmão, pai, mãe, quanto lhe é totalmente estranho, embaralhando incestuosamente todas as relações do sistema de parentesco, reduzindo-as a um só nome, o nome do autor, multiplicando-as em todos os possíveis nomes dos seus leitores.

Filho e não-filho, tal é o texto literário. Preservação do ego do autor e sua total disseminação na história, quando deste ego, mesmo em vida do autor, já nada mais resta senão o que resta, isto é, ego transformado em texto.

Esta dinâmica da viscosidade e da não-viscosidade do texto produz naturalmente os seus frutos: o texto permanece inalienável do seu autor e é inteiramente autônomo dele, tendo tudo a ver com ele, da mesma forma, nada tem a ver como ele. O autor explica inteiramente o texto e o texto inteiramente o explica, um círculo invisível os ata e os desata. Argumento certamente útil para encaminhar o tema das relações entre biografia do autor e obra literária.

Se bem entendermos estas relações de aprisionamento e de liberdade do texto e do autor, se percebermos o edipianismo e o anti-edipianismo congênito do texto, poderemos entender e perceber a inserção de ambos na tradição literária, também submetida a estas mesmas forças. O texto contém, inerentemente, esta movimentação de aprisionamento ao mais tradicional e de corte em relação à tradição, materializando os dois empuxos de aderência e de desaderência ao pai, no caso, a tradição literária.

Dentro da dinâmica das relações descritas entre autor e texto,

gostaríamos de privilegiar, momentaneamente, a do texto como filho, com as suas naturais decorrências. O texto pode ser considerado como um filho imaginário do autor, gerado num regime de maior identidade com o pai do que o filho natural, já que sua concepção se faz maximamente à imagem e semelhança dele, apresentando-se como uma sua imagem ideal. Poderíamos estabelecer, inclusive, uma analogia esclarecedora da diferença entre filho e texto, fazendo equivaler o filho ao sonho propriamente dito do pai e o texto ao seu sonhar acordado, exercido aquele em regime menos controlado e este sob regime mais controlado. É forçoso compreender que aqui o controle é que vai resultar em maior liberdade de ação, garantindo a positividade do objetivo ambicionado.

O filho-texto representa o exercício de uma paternidade ideal, uma completa indistinção no exercício das duas libidos, a libido objetal e a libido do ego, o mais feliz dos amores, visto que o amor do ego por si mesmo e o amor objetal se tornam plenamente possíveis no corpo outro e mesmo do texto, ainda corpo do autor e já outro corpo. No amor do escritor pelo texto está maximamente inflacionado o paraíso do amor dos pais pelo filho.

Um elemento a mais se acresce: neste amor está em operação o ideal paradisiaco de embaralhamento e desinterdição do sistema de parentesco, além da possibilidade aludida de que o outro é ainda o mesmo. Trata-se de um amor extremamente libidinal e incestuoso, em que o texto é filho e pai, irmão e amante do autor, preenchendo totalmente todas as possibilidades de relacionamento de um com o outro.

Pode-se, agora, entender a festa da escritura. Toda escritura é orgiástica, dionisiaca, na base. A convivência com estes materiais, energia pura, vai trazer a depuração, permitir a arquitetura de uma forma a mais perfeita, tórrida ou glacial, conservando ou não na superfície o calor, o incêndio da raiz, sempre lá.

O caráter espelhado, filial do texto, confere ao texto a sua natureza narcisista, fazendo da relação autor/texto a relação prioritária. Esta relação única, exclusiva, amorosa, apaixonada, paternal, maternal, incestuosa, erotizada, auto-erotizada, é que vai mesmo possibilitar o idílio do texto com o mundo. O caráter intrigante e secreto da relação autor/texto, a manutenção do estado narcisista dentro da feliz relação a dois, vai atrair o leitor, que, por pressões sociais, abdicou deste estado ideal. É, precisamente, neste caso, o inflacionamento da monarquia do sujeito, mesmo puramente ao nível da construção, que vai fascinar o leitor, esta relação feliz entre o amante (o autor) e o seu objeto (o texto). Onde o segredo, o mistério deste dar certo? Uma relação, uma paixão que finalmente deu certo, pois não existe qualquer residual de alienação de um no outro, um é o outro, ambos, o pai e o filho, e o espírito que os dois une.

Se isto acontece ao nível da construção, que se dirá de queelas obras que duplicam a difícil proeza e tematizam a questão do narcisismo, o fato de que é o extremo auto-amor a mais garantida via de amor ao mundo, de que o amor do ego é que vai permitir o amor objetal mais completo, de que o auto-enamoramento é que vai possibilitar o namoro universal, a corte que a obra literária irá fazer ao mundo. Estas obras que consistem numa apologia, a mais produtiva, do narcisismo, das quais não vamos, no momento, dar exemplos, se situam em qualquer época, em geral como manifestações do estilo romântico e são, decorrentemente, também o seu elogio.

É necessário acrescentar que estas obras, que incorrem no risco máximo de individuação e de retração, por isso mesmo, quando vencem este difícil obstáculo, conquistam para sempre a preferência dos leitores, pois a elas são atraídos pela exibição de um estado libidinal invejável, considerado inacessível e inatingível pelos mesmos.

O fluxo e o refluxo contínuo, mercurial, da libido do ego para a libido objetal e vice-versa, conforme descrito, desenha para o escritor uma libido especial, feminina, apaixonada, difícil de ser concebida, de extrema circunscrição do ego a si mesmo e de extremo derramamento do ego no mundo. Esta libido do escritor detém uma economia muito própria, quando no derramamento de energias libidinais nada é desperdiçado, tudo ficando novamente contido no texto — segundo corpo. Esta economia é a economia da gravidez para o homem e para a mulher, visto que a fatura do filho que é o texto possibilita a gravidez tanto masculina quanto feminina.

O texto literário propicia ainda o ideal da concepção do filho por partenogênese, sem a interferência de qualquer outro sujeito, majorando ainda mais o componente narcisista e auto-erótico de sua geração. Um mistério preside a concepção do texto — filho unigênito, feito e não-feito, criado e não criado, que inclui e elimina o pai, é tanto o seu corpo quanto o seu espírito, corpo feito espírito.

A fatura do texto, quer seja ele produzido por um homem ou por uma mulher, é uma atividade, um ato feminino, por ser o resultado de uma libido caracteristicamente feminina, de um ego auto-enamorado de si mesmo e enamorado de um objeto, o filho, o texto. Por isso mesmo a história literária foi, até agora, maciçamente preenchida por um elenco masculino, pois a produção do texto dá ao homem a possibilidade da gravidez masculina, enquanto a mulher foi aquinhoadada desta possibilidade por uma lei natural. É evidente que, em nosso tempo, quando os papéis parentais se alteram e se igualam (o homem na sala de partos, o homem no quarto de crianças), um novo tipo de economia começa a se perfilar na história literária.

A falta de vocação do escritor para a paternidade natural, a

substituição do filho pelo texto, faz emergir a questão da androginia do escritor, em termos essenciais, nem homem, nem mulher, ser que reúne as características dos dois sexos, pai e mãe simultâneos do texto.

Nascido sob um selo filial, edipiano, o texto, ao entrar para a história, ao se repartir e se multiplicar entre os leitores, ao se intemporalizar, se autonomiza e se afasta do seu ego gerador, perde o seu caráter filial e edipiano, visto que é filho, justamente, de uma tendência anti-edipiana, o sonho, a utopia de uma sociedade não-familiarista, coletivizada, em que todos os seus convivas são membros de uma grande família natural, parentes e não-parentes, na qual o amor de si mesmo é que vai ocasionar o amor do outro.

Neste particular, a obra literária de Franz Kafka faz parêntese com a obra científica de Sigmund Freud na sistematização e desmistificação do romance familiar, representando ambas, de qualquer forma, o início do sonho em curso de uma sociedade não-familiarista e não-edipianizada. O desenho radical desta utopia, que, por sua vez, aparece em Deleuze & Guattari, em *O anti-Édipo*, tem seqüência e paralelismo na produção literária, quando o tema do desfiliação chega a um grau de implosão máxima. De qualquer forma, o que se revela na obra de Kafka é, mais que tudo, o drama, a luta de forças dentro do romance familiar, o estraçalhamento entre a dependência e a independência do pai, a necessidade inadiável de descontinuar este romance, a misoginia natural do artista, que, nesta altura dos acontecimentos, não é apenas dele, mas se demonstra como uma tendência não-familiarista generalizada dentro do social.

Em termos da obra literária, esta tendência retrátil do escritor se converte naturalmente no seu oposto, no tema da doação do seu ego e do seu corpo através do corpo do filho, do texto, ao coletivo, impossibilitando a existência de qualquer fronteira entre o individual e o coletivo. A obra literária é a expressão mais avançada da inexistência desta fronteira, na medida em que se revela quanto mais individual tanto mais coletiva. A plena comunhão do indivíduo com o coletivo, este o mito do texto:

O corpo morto de Deus,

Vivo e desnudo.

(Fernando Pessoa)

A falta de vocação filial do texto vai converter-se no seu cálculo, no seu mais insidioso projeto de segmentação do pai, no projeto de descontinuação permanente da tradição e da história literária, que representa também o projeto de sua continuidade. Para não repetir o pai, ou repeti-lo de outra forma, é preciso dele tomar conhecimento, saber de cor o seu nome para não pronunciá-lo. Este esquecimento lembrado do nome do pai caracteriza fortemente o surgimento de cada nova obra, na qual o peso e a trituração das

obras anteriores está sempre presente. A deriva infinita proposta por Deleuze & Guattari em *O anti-édipo*, a total orfandade da obra, detém uma dinâmica mais rica do que aquela por eles aventada, a de um nascimento do nada. Ela, contrariamente, contém o selo simultâneo do edipianismo e do anti-edipianismo mais radicais.

Nascido e não-nascido, produto do narcisismo e do auto-amor máximo, produto de um amor feliz, quando o amor do ego e o amor de um objeto não são incompatíveis, o texto surge do desejo de imortalidade do ego, um tipo de imortalidade mais concreta do que a provida pelo filho, já que a obra, em seus leitores, expandirá infinitamente para o coletivo o desejo da prole. Produto de um amor feliz, o do ego com o seu objeto, por ele próprio gerado, nascido do seu desejo de imortalidade, que somente se pode realizar pela sua ampla disseminação no universal, o texto também realiza o desejo de morte, de dissolução total do ego no mais universal e coletivo.

Eis porque o poema, mesmo sendo retração, desejo de morte, é a própria contradição da morte, a sua mais absoluta negação. O poema aí estará, um ego específico nele permanecerá flutuante, e ele, como uma cortiça, flutuará para sempre na história. O seu autor é um ser voraz, que, ao mesmo tempo em que, asceticamente, se afasta do mundo, o devora através de sua representação.

Se o texto representa o suicídio do ego, ele representa também a imortalidade do ego. Podemos fazer uma distinção entre as formas de retirada narcisista na doença e a retirada narcisista no texto, esta com uma economia bem específica e de caráter provisório. Esta retirada se dá temporariamente quando da concepção e composição da obra literária. Terminada esta atividade, o autor dispõe da mediação do texto para voltar a circular amplamente no mundo, para, através do texto, amar e deixar-se amar pelo mesmo. Desta forma se pode fazer uma distinção entre a retirada narcisista, de ordem patológica, na doença, e o divisor de águas entre a doença e a saúde que é a obra literária, expressão de ambas, retirada e retorno, retração e expansão do ego.

Expressão de uma carência de objeto, o texto literário revela, precisamente, a necessidade de constituir um objeto para amar, um objeto constituído pelo ego, que poderá totalmente suprir a sua necessidade de amor. Esta a problemática deste objeto extranumérico que é o texto, que não existia antes e que agora existe, plenamente surgido do desejo do autor. Antes, produto de um amor imaginário, ele é agora um quase-corpo, matéria concreta, um elo visível entre imaginação e realidade, produto da potência da imaginação em se fazer em realidade. Como um criminoso em sua hora anterior, quando se sente culpado e deve consumir um delito para que sua culpa disponha de um objeto (o Raskolnikov de Dostoiévsky, em *Crime e castigo*), como um filho enlutado que deve fazer ressuscitar o seu pai para que sua dor disponha de um compatível

objeto (o Hamlet de Shakespeare), o escritor faz nascer do seu amor de si mesmo e de sua necessidade de amar, um outro, que é ainda ele próprio, o texto. Filho feito e não-feito, memória, memento do ego.

Da orgia, da festa, ao cristal da forma, o texto é uma concreção da aventura do imaginário, das relações, expressas pelo escritor, do homem com o imaginário, a necessidade imperiosa de transformar o drama da imaginação numa forma concreta e assim satisfazer a apetência do estilo romântico pelo estilo realista, do irreal pelo real. Dionísio a perseguir Apolo, a efusão de ambos que se encontram, por segundos, um que sobe e outro que desce, no meio de uma escada, perfeitamente alegórica, perfeitamente real.

Para concluir, queremos apresentar uma pequena notícia sobre este artigo, em substituição às notas, e mais coerente, integrada e satisfatória do que elas. Ele foi iniciado e retornou a um outro, de crítica literária, que serviu de protocolo para o delineamento da teoria, o que seja a principal correnteza de um trabalho mais amplo, cujo título geral é *Psicanálise da Literatura*, que toma uma série de temas tidos como os mais adequados para o aprofundamento da natureza do fenômeno literário. Quanto ao método, pode ser resumido como uma tomada da teoria freudiana, neste artigo especificamente a teoria freudiana do narcisismo, ela própria, numa leitura direta e sem mediação de posteriores exegeses, e sua aplicação ao deslindamento da natureza do ato criativo e do texto literário, trabalhando-se, sobretudo, o meio do caminho e a especificidade do temperamento do artista, pêndulo entre o estado de doença e de saúde, uma saída outra, nem patológica, nem normal, rigorosamente artística e literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981. 198p.
- 2 - DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo; capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. 511p.
- 3 - ECO, Umberto. Do modo de formar como engajamento para com a realidade. In: _____. *Obra aberta*. São Paulo, Perspectiva, 1968. p.227-77.
- 4 - ELIOT, T.S. Hamlet. In: _____. *Selected essays*. (15. ed.) London, Faber & Faber, 1969. p.141-6.

- 5 - FREUD, Sigmund. Os caminhos da formação dos sintomas. In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v. 16, p. 481-502.
- 6 - _____. Escritores citativos e devaneio. In: _____. "*Gradiva*" de Jensen e outros trabalhos. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.9, p.147-58.
- 7 - _____. *A interpretação de sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. v.4-5, 793 p.
- 8 - _____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.14, p.83-119.
- 9 - _____. A teoria da libido e o narcisismo. In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.16, p.481-502.
- 10 - RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. *O trânsito do Édipo na literatura*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA., 1981. 209 f.mimeog.
- 11 - TOLEDO, Dionísio de Oliveira, org. *Teoria da literatura; formalistas russos*. Porto Alegre, Globo, 1971. 279p.
- 12 - VIEIRA LIMA, Mirella Márcia Longo. *O legado de Apolo e Dionísio*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA., 1981. 165f. mimeog.

SUMMARY

This article aims at the constitution of an introduction to the relationships between the literary work and the question of narcissism.

RÉSUMÉ

Ce travail se propose d'établir une ébauche des relations entre l'oeuvre littéraire et le problème du narcissisme.